

Reflexões antropológicas sobre a extensão: o projeto de realização do 18º

Congresso Mundial da IUAES na UFSC¹

Simone Lira da Silva (Pósdoc PPGAS - UFSC)²

Maria Luiza Scheren (Antropologia - UFSC)

Gabriel Darío López Zamora (Antropologia - UFSC)

Gabriela Alano Tertuliano (Ciências Sociais - UFSC)

Filipe Tchinene Calueio (Relações Internacionais - UFSC)

Ivi Porfírio (Ciências Sociais - UFSC)

Caroline Amábile Vale dos Santos (Relações Internacionais - UFSC)

Miriam Pillar Grossi (IUAES - UFSC)

Resumo: A proposta de trabalho que apresentamos para discutir nesse GT reflete sobre o potencial pedagógico de projetos de extensão que oferecem a aprendizagem da antropologia em espaços fora da sala de aula. Neste trabalho, apresentamos o projeto de extensão de apoio e realização do 18º Congresso Mundial da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela professora Miriam Pillar Grossi. Mais do que proporcionar apoio a todas as atividades relativas à organização de um dos maiores e o mais antigos congressos de antropologia no mundo, que aconteceu entre 16 à 20 de julho de 2018 em Florianópolis, o projeto visou formar estudantes na organização de eventos e inseri-los de forma diferenciada no campo de saber das ciências sociais, mais especificamente da antropologia. Refletiremos sobre o potencial pedagógico desta ação de extensão, trazendo relatos das experiências de aprendizado de nossa equipe multidisciplinar (composta por estudantes dos cursos de graduação em Antropologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Letras e Museologia). Analisamos neste artigo vasta gama de conhecimento produzido em diferentes frentes de atividades de organização do congresso. Por um lado em atividades práticas e com o objetivo direto de atendimento das e dos congressistas (antropólogos e estudantes de antropologia e áreas afins de todo o mundo) através de resposta a e-mails, através das tramitações para vistos de pesquisadores (as) estrangeiros(as) junto ao Itamaraty e Embaixadas brasileiras no exterior, ou ainda nas atividades de tradução de textos da página do congresso e na organização da infraestrutura necessária. Por outro lado, também buscamos refletir sobre como o congresso proporcionou aos/as alunos (as) formação teórica sobre as antropologias mundiais. Destacamos a descoberta de novos e novas autores por parte da equipe de estudantes de graduação atuando no projeto de extensão, que se deu através de um seminário semanal de estudo sobre antropólogas e antropólogos do sul global e nos inúmeros diálogos estabelecidos diretamente com pesquisadoras e pesquisadores de todo o mundo que se inscreveram no congresso (como organizadores de atividades ou como participantes). Por fim, refletimos sobre a experiência de participação no congresso e de como os aprendizados e a formação em antropologia foram potencializados no contato presencial com mais de 1.500 antropólogas e antropólogos de 92 países que se inscreveram e dos 55 países que

¹ Trabalho apresentado no GT 54 Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira, coordenado por Luciana de Oliveira Chianca (UFPB), na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF

² Bolsista Pdj/ Cnpq no projeto “Etnografando a cosmopolítica das antropologias mundiais: a International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES) e World Council of Anthropological Associations (WCAA)”

participaram do congresso em Florianópolis. Concluímos refletindo sobre o impacto deste projeto de extensão visando o treinamento de organização de um mega evento, na formação de estudantes de graduação de vários cursos. Sem dúvida, o projeto de extensão de apoio à organização do 18th IUAES World Congress não só contribuiu significativamente para a visibilização internacional da antropologia brasileira mas foi também um importante espaço de formação teórica e metodológica no campo da pesquisa em antropologia para as e os estudantes que atuaram na secretaria do congresso como bolsistas de extensão.

Palavra chaves: Extensão, antropologia, ensino, pesquisa, internacionalização.

1. Introdução

Neste trabalho buscamos analisar o projeto de extensão que teve por objetivo fornecer apoio a todas as atividades relativas à organização e realização do 18º Congresso Mundial da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), que ocorreu entre 16 e 20 de julho de 2018, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Refletimos, neste artigo escrito a muitas mãos, sobre o processo de aprendizagem proporcionado pelo projeto de extensão à equipe multidisciplinar, composta por estudantes dos cursos de graduação em Antropologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Letras e Museologia. Apontamos também a importância desta atividade de extensão como articulação de redes acadêmicas na antropologia.

Entendemos, a partir dos princípios desenvolvidos pelo Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação (GEEMPA)³, que a aprendizagem é um processo descontínuo, dialógico e necessariamente reflexivo. Assim, envoltos pelas lentes das teorias educacionais pós-construtivistas, traçamos algumas reflexões sobre a construção do conhecimento - teórico e prático - proporcionado pela experiência de atuação da equipe de bolsistas da secretaria na organização do 18º Congresso mundial da IUAES na UFSC.

Adotamos uma perspectiva dialógica para incluir neste texto os diferentes pontos de vista e análises realizadas por cada estudante envolvido neste projeto de extensão. Entendemos por perspectiva dialógica os modelos de escritas analisados por Clifford (2011) e que ressaltam precisamente aqueles elementos discursivos entre dois ou mais indivíduos. Embora para Clifford (2011) a escolha por um texto inspirado em romances polifônicos possa se configurar também em outras formas de autoridade, identificamos nesse tipo de narrativa uma possibilidade de elencar a pluralidade de vozes envolvidas nesse processo de produção de conhecimento, principalmente porque os interlocutores/as, nesse caso, também eram autores/as.

Essa narrativa, construída coletivamente implicou no desenvolvimento de uma metodologia de escrita coletiva. Esta se caracterizou por ter diferentes temporalidades.

³ História, metodologia, produtos e livros do Geempa podem ser consultados em <https://geempa.com.br/o-geempa/>

Articulamos períodos destinados a aprofundar, em reuniões presenciais, os tópicos a serem abordados no texto com períodos destinados a escrita. Como metodologia de escrita coletiva utilizamos a plataforma google Docs⁴ e atribuímos a cada autor/a a responsabilidade de desenvolver um dos temas escolhidos pela equipe, seguindo um plano prévio de itens que seriam abordados no artigo. Quando uma primeira versão do texto estava escrita apresentamos oralmente e submetemos a leitura e avaliação de colegas dos Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI)⁵, que não estavam envolvidos na escrita e que nos deram um feedback importante para a elaboração desta versão final do artigo que enviamos à apreciação dos colegas do GT 54 da 31ª RBA.

Tivemos também como objetivo, ao envolver vários estudantes de graduação na escrita deste texto, dar voz à estudantes que assumiram diferentes responsabilidades na secretaria do 18th IUAES World Congress, respeitando seus diferentes graus e áreas de formação.

Apresentaremos no item A IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), seus congressos e a constituição da Equipe responsável pela organização da 18ª Edição. Na continuidade, no item “Mas afinal, o que se faz na organização de um congresso Mundial?” discorreremos sobre as principais atividades que estavam sobre o encargo da equipe que trabalhou no projeto de organização do congresso. Na sequência, encontra-se a parte mais extensa do texto com as análises elaboradas pelos envolvidos no projeto de extensão sobre sua própria atuação e a forma como o processo de aprendizado foi possibilitado por essa experiência. Trata-se de uma reflexão sobre diferentes aspectos: trabalho em equipe, desenvolvimento de autonomia, contato com o outro, formação profissional e formação no campo de antropologias mundiais.

2. O 18º Congresso Mundial da IUAES no Brasil

2.1. História da IUAES e seus congressos

O Congresso Mundial da IUAES foi realizado pela primeira vez em 1934, em Londres mas ainda não se chamava *IUAES World Congress*. Desde então, o congresso tem sido realizado a cada cinco anos, com diferentes denominações. Antes do Brasil, os últimos congressos mundiais haviam ocorrido em 2013 em Manchester (Inglaterra) e em 2009 em Kumming (China). Este foi o primeiro IUAES World Congress realizado em um país da América do Sul, tendo uma edição do congresso sido realizada na

⁴ O google doc é um pacote de aplicativos, disponibilizados gratuitamente e que pode ser acessados por todos que possuam uma conta gmail. Esse aplicativo dispõe de ferramentas de produção e edição textual que funcionam de forma síncrona e assíncrona, permitindo que várias pessoas possam fazer edições no texto ao mesmo tempo. Todas os usuários podem ver as alterações sendo realizadas mesmo a quilômetros de distância.

⁵ Agradecemos imensamente a professora Miriam Pillar Grossi e aos colegas Leonardo de Miranda Ramos E Alexandra Eliza Vieira Alencar que leram e fizeram sugestões na elaboração do texto.

América Central, em 1993, no México e várias edições do congresso realizadas na América do Norte (Filadélfia, Chicago, Williamsburg, Quebec e Vancouver).

A IUAES é uma organização mundial de cientistas e instituições que trabalham nos campos da antropologia e etnologia, envolvendo arqueologia e linguística, que compõem os quatro campos da antropologia, segundo o modelo criado por Franz Boas no início do século XX nos Estados Unidos. Seu objetivo é aumentar o intercâmbio e a comunicação entre acadêmicos de todas as regiões do mundo, em um esforço coletivo para expandir o conhecimento humano. A IUAES é uma das mais antigas organizações mundiais de cientistas e instituições que trabalham nos campos das humanidades⁶.

A história dos congressos mundiais de antropologia envolve inúmeras articulações e uniões. Apesar de existir desde 1934 e ter realizado um segundo congresso em 1938, vai ser em 1948, após o final da 2ª Guerra Mundial, que a International Union of Anthropological and Ethnological Sciences se articulou com o grupo que organizava os congressos e ele passou a se intitular International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences (ICAES). Em sua história, o evento aconteceu nas seguintes cidades e países:

Tabela 1. País e ano de realização dos IUAES World Congress

Cidade/País	Ano	Cidade/País	Ano
1º Londres/ Reino Unido	1934	10º Delhi/ Índia	1978
2º Copenhague/ Dinamarca	1938	11º Quebec e Vancouver / Canadá	1983
3º Bruxelas/ Bélgica	1948	12º Zagreb/ Iugoslávia	1988
4º Viena/ Austria	1952	13º Cidade do México/ México	1993
5º Filadélfia/ Estados Unidos	1956	14º Williamsburg/ Estados Unidos	1998
6º Paris/ França	1960	15º Florença/ Itália	2003
7º Moscou/ Rússia	1964	16º Kunming/ China	2009
8º Tóquio/ Japão	1968	17º Manchester/ Reino Unido	2013
9º Chicago/ Estados Unidos	1973	18º Florianópolis/ Brasil	2018

2.2. A organização do 18th IUAES World Congress no Brasil

O 18th IUAES World Congress foi sediado no Brasil pela UFSC, instituição pública e gratuita, cujo objetivo é de “promover o ensino, a pesquisa e a extensão”⁷. Portanto o projeto cumpriu com o papel social da instituição, na medida em que facilitou a ocupação de espaços públicos democratizando a difusão do conhecimento.

⁶ Estas informações foram retiradas da página oficial da IUAES disponível em <https://iuaes.org/index.html>, acessado em 22/10/2018

⁷ Informações sobre a ufsc estão disponível em: <http://estrutura.ufsc.br/>, Acesso em 22/10/2018.

A candidatura do 18th IUAES World Congress para ser realizada na UFSC foi feita em 2013 pela Associação Brasileira de Antropologia, representada pela Prof^a Dr^a Miriam Pillar Grossi, vice-presidente da IUAES, ex-presidente da ABA e professora titular do departamento de antropologia da UFSC.

Para a organização do congresso na UFSC, constituiu-se 24 comissões organizadoras⁸ composta por professores/as, estudantes de graduação e pós-graduação, bem como outros membros da comunidade acadêmica. O envolvimento da comunidade acadêmica foi, portanto, indispensável. Todos/as, atuaram no sentido de integrar a produção científica das instituições de ensino e pesquisa ao contexto social - a razão de ser dos projetos de extensão. Esse exercício foi, em si, uma forma de produzir conhecimento sobre as diferenças culturais, sobre o que era o congresso, sobre a antropologia no Brasil e no mundo e sobre as dinâmicas e nuances dos processos políticos desse campo de produção científica: a antropologia.

Já em julho de 2017 constituiu-se uma primeira equipe de secretaria, composta de 4 pessoas - uma pós-doutoranda, uma graduada em Ciências Sociais e dois estudantes de graduação em Antropologia e Ciências Sociais, que junto com a Profa Miriam Grossi organizaram o espaço físico e equipamentos necessários para o desenvolvimento do projeto, trabalharam na identidade visual do congresso, escreveram projetos para agências financiadoras, elaboraram as normas de submissão de trabalhos e inscrição, contrataram a empresa que forneceria a web página para o congresso, estabeleceram diversas articulações políticas entre a diretoria da IUAES e da ABA, planejaram e adaptaram o cronograma do congresso.

A equipe de bolsistas da secretaria foi formada no início do primeiro semestre de 2018, com a seleção, pela coordenação local do congresso de 7 bolsistas, alunos e alunas de graduação da UFSC. No decorrer do semestre, outras seleções foram realizadas para atender novas demandas, derivadas da saída de alguns membros da equipe que precisaram ser substituídos ao longo do processo. Durante o ano de 2018, passaram pela secretaria 13 bolsistas. Devido ao grande fluxo de trabalho, as e os novos integrantes foram rapidamente integrados à rotina e estimulados a buscarem autonomamente resolver as demandas que chegavam por e-mail e as dificuldades técnicas na elaboração dos diversos materiais de divulgação do congresso, tais como

⁸ Além da coordenação geral e da secretaria, haviam outras 24 comissões organizadoras: Comissão infraestrutura, Comissão de tradução, Comissão de Programação, Comissão Editorial, Comissão de Monitoria, Comissão de Comunicação, Comissão de Cultura, Comissão de Festa, Comissão Instalações Artísticas, Comissão de Experiências Antropológicas, Comissão de Bem-Estar, Comissão de Crianças, Comissão de Alimentação, Comissão de Hospedagem Solidária e Alternativa, Comissão Lançamento de livros, CDs, DVDs, revistas, Comissão da Licenciatura Indígena, Comissão de articulação com comunidades indígenas, quilombolas e ciganas, Comissão feira de artesanato, Comissão de organização do encontro da rede global de antropologia feminista, Comissão acessibilidade, Comissão coordenadores/as pré e pós eventos, Comissão Universidade do Estado de Santa Catarina, Comissão Instituto Federal de Santa Catarina, Comissão audiovisual e mostra de fotografias

cadernos de programação, folders das atividades, elaboração de tabelas de distribuição das atividades por sala e os horários de trabalhos dos monitores.

Entendemos que houve uma proposta educacional muito clara - e muito cara - na formação da equipe de bolsistas: ampliar o escopo de envolvidas e envolvidos a fim de possibilitar o contato direto dos/as mesmos/as com a atualidade do pensamento antropológico mundial na atualidade. Isto é: difundir o conhecimento de maneira democrática por meio do intercâmbio cultural e da formação de redes internacionais de pesquisadores/as. Os depoimentos a seguir, relatam ações cotidianas do trabalho dos e das estudantes bolsistas na secretaria do 18th IUAES World Congress que ilustram os resultados deste projeto de extensão.

3. Mas afinal, o que se faz na organização de um congresso Mundial?

A equipe da secretaria esteve à frente de um número impressionante de demandas como: a) atendimento aos congressistas; b) gerenciamento do sistema de inscrição e do banco de dados com os trabalhos enviados para avaliação; c) produção do material de informação divulgado no site do congresso; d) encaminhamento à comissão de tradução de textos e mensagens em língua estrangeira; e) contato com as embaixadas brasileiras no exterior para facilitar a liberação dos vistos f) e no pós congresso, da organização dos artigos que comporão os anais do evento. Além destas tarefas, a secretaria atendia permanentemente às solicitações de uma enorme equipe que compunha as comissões organizadoras. Também ficou responsável pela organização dos dados da programação do evento e dos trâmites junto às gráficas para a produção das programações impressas. Durante o congresso toda a secretaria teve como prioridade o atendimento presencial e individualizado do público.

São muitos os passos para a organização de um congresso mundial e relataremos aqui em alguns dos que nos ocuparam por mais tempo e exigiram maior energia de nossa equipe.

3.1. Gerenciamento dos e-mails

O atendimento aos congressistas por meio do e-mail secretariat@iuaes2018.org foi a atividade que de longe ocupou a maior parte de nosso tempo. Este atendimento foi iniciado em julho de 2017 e recebemos 10.897 mensagens entre 01/07/2017 e 02/11/2018. Destas foram respondidas individualmente 6819 mensagens, que exigiam muitas vezes um tempo considerável de nossa equipe, uma vez que grande parte delas provinha do exterior e exigia respostas em inglês, espanhol e francês, as 3 línguas estrangeiras oficiais do congresso.

Uma parte significativa dessas mensagens, um pouco mais do que 3 mil, veio como respostas automáticas às nossas Newsletters e às mensagens repetidas, erro comum quando a mensagem era enviada pela plataforma de contato do site. Mesmo assim o seu

gerenciamento implicava em ter alguém responsável por identificar e deletar tais mensagens de erro.

As principais demandas recebidas por email eram: a) pedido por prorrogação de prazos inscrição e submissão de trabalhos; b) dúvidas sobre como fazer o pagamento e submissão de trabalhos completos; c) envio de trabalhos fora do prazo para serem incluídas na programação; d) pedidos de reservas de espaço para reuniões de diversas comissões, grupos ou redes; e) solicitação de recibos/declarações de pagamento e certificados; f) pedidos por carta de aceite para requerimento de vistos; g) dúvidas sobre a cidade, clima, hotéis e locomoção; g) problemas para efetuar o pagamento (aos estrangeiros só foi permitido pagamento via Paypal); h) solicitações de reembolso de inscrições; i) pedidos por auxílio de custos; j) pedidos de alterações na programação do congresso, tais como fusão de painéis, ampliação do número de sessões e data/horário das mesas, inclusão de novos integrantes.

A resposta aos emails envolvia muito tempo e habilidade de negociação com as pessoas que estavam do outro lado da rede. Uma parte significativa das interações travadas por e-mail envolviam solicitações bastante complexas de alteração das regras acadêmicas do congresso. Conseguir se posicionar de forma a permitir a presença de todos os interessados e manter minimamente o já acordado com as outras milhares de pessoas inscritas era sempre um equilíbrio difícil de obter. Citamos, a título de exemplo, um desses casos para dar uma dimensão da complexidade envolvida.

Um participante de país africano, ao receber e-mails da secretaria com a finalidade de divulgar o evento, acreditou que se tratava de um convite específico à pessoa dele. Esse mal entendido fez com que acreditasse que todos os seus custos de viagem e hospedagem seriam pagos pelo congresso. Houve uma intensa troca de mensagens para desfazer o mal entendido e ao mesmo tempo instruir o congressistas sobre o edital de financiamento internacional, no qual ele poderia ganhar auxílio financeiro para hospedagem e alimentação. Mesmo após ser aprovado no edital de financiamento de hospedagem e alimentação, o participante insistia que o congresso deveria realizar o custeio das passagens. Felizmente, devido à desistência de um dos pesquisadores africanos que estava sendo financiado, foi possível atender à demanda do participante, meses depois de seu pedido inicial (Caroline, estudante de Relações Internacionais).

3.2 Montagem da programação

Pelo cronograma, após a comissão de programação ter estipulado as datas para cada atividade, os coordenadores deveriam entrar no sistema e distribuir as apresentações ou até mesmo solicitar alterações, quando necessárias. Quando estes não faziam essa atribuição de horários o sistema aceitava automaticamente as seções escolhidas pela comissão de programação.

Duas semanas antes do congresso e após o prazo destinado as(os) coordenadores(as) para atribuírem data e horário as suas sessões, a secretaria recebeu a ligação de uma coordenadora de Painel Aberto solicitando a alteração da data de realização das sessões de apresentação em seu painel, justificando a excepcionalidade necessidade de alteração. Depois de conseguirmos reorganizar os horários conforme solicitada pela coordenadora foi avisada que a alteração não constaria no programa impresso, pois este já tinha sido encaminhado para a gráfica. A mesma aceitou a proposta alegando que todos os que precisavam estar presente eram do grupo envolvido no painel e ela se encarregaria de fazer o comunicado. A secretaria, por sua vez divulgou online a alteração no Painel. Alguns dias depois a coordenadora entra novamente em contato, bastante descontente dizendo que precisávamos alterar também no programa impresso, pois os pesquisadores de uma das sessões (todos oriundos de países orientais) não aceitavam a possibilidade da sessão deles não constar nos programas impressos corretamente. Depois de muitas ligações e e-mails a Coordenadora brasileira entendeu que a melhor solução era manter a programação que já havíamos mandado para a gráfica aqui (Simone, estudante pós doc PPGAS).

Esta demanda ilustra várias questões recorrentes na organização do congresso: o status dos pesquisadores envolvidos, a pouca familiarização com as dimensões culturais e numéricas de um evento desse tamanho e, o que consideramos principal, nesse caso, o choque cultural entre os pesquisadores/as. Como o evento exigia apresentação de pesquisadores/as de países diferentes em todas as atividades, muitos grupos ou redes fechadas de pesquisadores precisaram incorporar novos membros. Assim, para o grupo de brasileiros/as que já se conheciam a mais tempo e tinham de longa data as redes onde podiam divulgar as alterações do painel, não ter o horário correto na programação impressa, não era visto com um problema, no entanto, para o grupo de pesquisadores estrangeiros isso era algo completamente fora de questão.

3.3. Administração e gerenciamento das inscrições.

Diretamente ligadas às respostas aos e-mails estava a administração e gerenciamento dos dados de inscrição e submissões de trabalho pelos sistema do congresso. As inscrições e as submissões de propostas de atividades foram todas realizadas por meio do sistema do site do congresso, desenvolvido pela empresa “Dype Soluções” com a qual a Associação Brasileira de Antropologia trabalha há vários anos.⁹ As diferentes taxas de inscrição, resultante dos acordos realizados entre a ABA e a IUAES, foram de difícil compreensão para os congressistas.

No sentido de ajudar as pessoas a fazer suas inscrições, diversas medidas foram tomadas. A divulgação das formas de inscrições foram realizadas através da página do congresso (<https://www.pt.iaes2018.org/?lang=pt-br&liberado>), sistema de Newsletter e redes sociais (<https://www.facebook.com/iaesbrazil/>). Além de material com o passo

⁹ Mais detalhes sobre a empresa acessar <https://www.dype.com.br/>.

a passo de como se inscrever também foram elaborados vídeos de orientação sobre como realizar a inscrição. Este material foi disponibilizados online¹⁰ e seus endereços encaminhados nas mensagens enviadas aos congressistas.

A equipe também realizou a inscrição de muitas pessoas que não conseguiram acessar ao sistema por dificuldades técnicas do próprio sistema ou por estarem em países que não permitiam o acesso a sites como o nosso. Pesquisadores da China e da Rússia foram os que tiveram maiores problemas tanto na realização da inscrição quanto no pagamento das mesmas. Além de realizarmos a submissão online dos trabalhos enviados por e-mail, também alteramos o prazo de pagamento para que esses pesquisadores/as pudessem pagar suas inscrições durante o congresso, presencialmente.

3.4. As redes sociais: experiências de produção textual e criação de redes

Desenvolver habilidades em comunicação e elaboração de texto foram muito importantes para todos/as da equipe. As publicações, tanto no site como nas redes sociais, eram preferencialmente divulgadas nos dois idiomas mais usados pelo congresso, o inglês e o português mas também tivemos forte comunicação em espanhol devido a grande presença de antropólogos latino-americanos no congresso. Tínhamos como objetivo alcançar o maior número de participantes facilitando o entendimento de atividades, cronogramas e trâmites do congresso.

Muitos das/dos congressistas nos procuravam nas redes sociais, através de comentários das publicações ou chat privado. Pelas consultas percebíamos a dimensão de alguns problemas e dificuldades com as quais teríamos que lidar no momento do evento. Estadia e transporte em Florianópolis, emissão de recibos e outros comprovantes para que pudessem apresentar às instituições das quais faziam parte, produção e apresentação de materiais no congresso que exigiam certo padrão, eram as dúvidas mais frequentes. Quando surgiam dúvidas mais gerais, postamos esclarecimentos que poderiam ser úteis para um grande número de congressistas. Era função da Comissão de Comunicação elaborar e divulgar as resoluções, facilitando assim o trâmite de muitos que contatariam a secretaria.

Uma destas demandas foi a iniciativa da Hospedagem Solidária, desenvolvida com o objetivo de localizar anfitriões em Florianópolis que se disponibilizariam a receber visitantes em casa, que precisavam de uma estadia acessível financeiramente, durante dos dias de congresso. Para fazer a comunicação entre essas pessoas, criamos um grupo no facebook, reunindo todos os interessados. Assim, quando alguém mostrava disponibilidade em receber alguém em sua casa e outra pessoa precisando desta recepção, indicávamos um ao outro, para que pudessem combinar entre si como ficaria melhor a visita para ambas as partes. Sem dúvidas, surgiram desistências,

¹⁰ Os vídeos tutoriais produzidos para auxiliar no processo de inscrição podem ser encontrado no line nos seguintes endereços <https://www.youtube.com/watch?v=4IMmwC1JWas&t=11s> e <https://www.youtube.com/watch?v=bnielqAy0H8>.

redimensionamentos e outras questões com as quais tivemos que nos envolver para poder encontrar a resolução em tempo, antes do congresso. Havia estrangeiros procurando estadia também, os quais exigiam da nossa equipe um conhecimento de várias línguas, principalmente espanhol, italiano e inglês. Levando em consideração o idioma, nestes casos tínhamos então a preocupação de procurarmos e indicarmos anfitriões que pudessem compreender e dar o suporte nestas situações.

3.5. Assessoria na obtenção de vistos

O 18º IUAES World Congress recebeu inscrições de pessoas de 92 nacionalidades diferentes. Isso exigiu uma atenção extrema quanto às informações concernentes a obtenção de vistos, estadia no Brasil, documentações pessoais, vacinas e outras, por parte da comissão de organização do evento. Para a coordenação do congresso não era só imprescindível dar informações precisas, mas também garantir a segurança das/os congressistas e do congresso em si, tal como a do país como um todo.

Desde a criação das Organizações das Nações Unidas (1948-1949), o Brasil foi um dos incentivadores das relações diplomáticas não secretas e do bilateralismo nas relações internacionais como base do progresso, da democracia e do desenvolvimento (SARDENBERG, 2013). Isto faz com que a diplomacia brasileira siga a regra de emissão de visto para países que exigem visto de brasileiros.

Um congresso com a magnitude internacional do que organizávamos exigia uma atenção considerável no que concerne aos trâmites legais de obtenção de vistos, tempo de estadia e informações necessária para o tal procedimento. Pensando nisso foi feito um levantamento de dados sobre embaixadas e regulamentação jurídica de cada um dos países com pesquisadores inscritos no congresso. Para obter tais informações foi feita a exportação de tabelas com nomes, documentos de cadastro, país, nacionalidade, instituição de ensino, nome do crachá data de nascimentos de todos os congressistas. A partir das nacionalidades encontradas elaboramos uma tabela constando o idioma, a relação diplomática com o Brasil, a necessidade ou não do visto, o endereço da embaixada ou consulado brasileiro no seu país, o email e o número telefônico de cada embaixada nos países dos congressistas¹¹. Para os países com uma enorme extensão territorial como é o caso da China, Índia, Estados Unidos da América, Rússia, Canadá foi indicado mais de um consulado, visto como ponto estratégico, para submissão dos vistos. Esta tabela de informações foi publicada no site do congresso.

Para agilizar a demanda de visto nos países com exigência deste para entrar no Brasil, a coordenação geral do congresso foi à Brasília para audiência com o Ministério de Relações Exteriores (Itamaraty) em busca de soluções que permitissem agilidade neste processo. A ajuda do Itamaraty foi fundamental para as informações necessárias na carta convite elaborada pelo evento e também na agilidade de fornecer vistos a todos

¹¹ A tabela com essas informações ficou disponível para todos os congressistas no site em inglês: https://www.iuaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=599.

os nomes de pessoas inscritas no congresso, cuja a lista foi encaminhada a todas comissão diplomática do Brasil em cada países dos congressistas. Devido a conjuntura da política internacional e as peculiaridades da relação diplomática de cada país com o Brasil as cartas e listas sofreram muitas atualizações e modificações. A divergência do nome dos inscritos foram um dos principais problemas. Em alguns países orientais é comum adotar um nome ocidental para interagir mais facilmente no mundo acadêmico internacional. No entanto, este nem sempre é o nome reconhecido em seu país de origem, bem como não é o que consta no passaporte. Esse tipo de situação ocorreu com muitos congressistas de origem chinesa, indiana, africana, taiwanesa e tibetana. Além disso, havia casos como o da China, onde o/a pesquisador/a só recebe o passaporte depois do governo autorizar a sua saída, dificultando na emissão da carta convite que seria usada para a obtenção de visto para entrada no Brasil, pois o número do passaporte é um dado requisitado nela. A solução encontrada nesses casos foi de encaminhar a carta convite duas vezes para esses congressistas, uma com os dados exigidos pelo governo Chinês para autorizar a viagem do congressista e outra, depois de obter o número de passaporte, com os dados exigido pelo governo Brasileiro para conceder o visto. Este tipo de solução exigiu trabalho dobrado pela secretaria, uma vez que todas as cartas precisavam de reconhecimento em cartório da assinatura da coordenadora geral do evento para aceite pelas embaixadas brasileiras no exterior.

Como pode-se imaginar houve um intenso e contínuo trabalho nesse sentido. Além do permanente diálogo travado nas mais diversos idiomas, usando com idioma intermediário o inglês. Foram elaborada mais de 600 cartas convites.

4. Análise dos espaços de construção do conhecimento na prática

Tendo descrito um pouco dos bastidores do trabalho da secretaria na organização do 18 ° Congresso Mundial da IUAES, trazemos a seguir, reflexões da equipe de bolsistas sobre os aprendizados proporcionado por essa experiência. Para evidenciar a polifonia destas falas destacamos em itálico reflexões individuais.

4.1. Sentimento de pertencimento ao grupo

Enquanto estudante, que deixou seu país de origem, Equador, para realizar sua formação em antropologia no Brasil, considero fundamental refletir sobre nossa experiência como bolsista na escrita deste artigo. O trabalho dentro da secretaria e na organização do 18º Congresso Mundial da IUAES, teve como um dos focos a participação amplamente ativa de estudantes em formação de antropologia, ciências sociais, dentre outros cursos (museologia, relações internacionais, letras inglês). Assim, não poderia deixar que isso passasse despercebido sem uma mínima reflexão do descoberto e aprendido por parte da nossa equipe, a qual acolheu a dinâmica de participação e formação pedagógica educativa proposta pela coordenação do programa de Extensão. As relações e vínculos foram criados pela nossa equipe, na

medida em que íamos trabalhando em conjunto. Cada um de nós foi aprendendo e descobrindo onde seus conhecimentos e atitudes permitiram desenvolver-se com sucesso dentro deste gigantesco projeto.

Após a seleção, veio o que normalmente resulta incômodo: a etapa de integração da equipe, acrescida da dificuldade de tratar-se de pessoas que vêm de cursos diferentes. Nesse sentido, houve muitos esforços das coordenadoras do congresso, para proporcionar espaços carregados de certa “leveza” para facilitar a interação. Espaços como almoços semanais ou o café no meio da manhã onde se discutia aleatoriedades relacionadas ao que vínhamos fazendo em cada curso, fatos engraçados ou bizarros do processo de interação com os congressistas, amenidades de nossas vidas pessoais.

Após este tipo de atividade mais recreativas, período que chamarei de “encontro” de nossa equipe multidisciplinar, foi mais claro e até orgânico (no sentido teatral da palavra) a distribuição das tarefas, nas quais cada um ou em conjunto fomos tomando frente. Nesses momentos, eram discutidos problemas que chegaram via e-mails em inglês ou em espanhol, relatando dificuldades referente a assuntos diplomáticos (como o conteúdo necessário nas cartas de aceite e outras documentações do congresso, que podem variar segundo o país no qual o congressista se encontrava). A pessoa que recebia o e-mail identificava ao congressista, pensando na sua nacionalidade, histórico de emails entre muitos outros dados; encaminha para os colegas do curso de Relações Internacionais que pensavam na solução diplomática que o congressista precisava e a frente de tradução realizava o necessário para enviar a mensagem e documentação no idioma que era requerido pelo/a congressista.

Dentre as atividades que demandavam mais tempo, como nativo de língua espanhola, passei a ajudar na tradução de textos e notícias para serem divulgadas no site, bem como o atendimento, por email do público falante de língua espanhola.. Ambas responsabilidades fizeram com que estivesse permanentemente inteirado de todo o que acontecia na organização, sobre quem eram os/as antropólogos/as com quem estava dialogando, os fusos horários em que cada um se encontrava, tipo de relações internacionais que o Brasil mantinha com cada país dos participante. Enfim ver estes “outros” exigiam uma ampliação na forma de ver quem está atrás do e mail.

Processos de trabalho como o acima relatado, criavam uma atmosfera no qual cada um dos integrantes da secretaria potencializou seus conhecimentos para realizar os pedidos dos/das participantes. Estas ações em conjunto e a pronta resposta de todos para solucionar problemas, criou um ambiente de equipe onde ia-se consolidando vínculos entre todos (Dario Lopez, equatoriano, estudante da 8a fase em Antropologia na UFSC).

A reflexão de Dario Lopez ilustra bem a dinâmica dos trabalhos em equipe e os aprendizados individuais dela decorrentes. Esta reflexão sintetiza uma opinião também dos demais membros da equipe.

4.2. Da insegurança a autonomia: um aprendizado coletivo e compartilhado

A oportunidade de atuar em uma bolsa concedida pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) surgiu quando eu estava concluindo o primeiro semestre da graduação em antropologia na UFSC. A bolsa visava os trabalhos da secretaria geral do 18º Congresso Mundial de Antropologia. Comecei as tarefas solicitadas com muita insegurança, mesmo tendo muita curiosidade e interesse em participar da organização do congresso. Eu era apenas uma aluna do primeiro semestre da graduação em antropologia e aproveitei a oportunidade para atuar principalmente em demandas que envolviam a comunicação e divulgação do evento, o contato com os congressistas, e a organização de materiais para o congresso. Atividades que continuei a exercer nos meses que se seguiram ao congresso (Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante de da 2a fase de Antropologia na UFSC).

Maria Luiza Scheren expressa a ambiguidade entre saber e não saber lidar com novas situações que a secretaria do congresso exigia de toda a equipe de bolsistas, sentimento também expresso por Ivi Porfirio.

Quando me inscrevi na monitoria do 18º Congresso Mundial da IUAES, não fazia ideia sobre do que se tratava o congresso, pois recém estava completando a 1ª fase em Ciências Sociais e tinha feito até então apenas a matéria de Introdução a Antropologia. Nesse momento não percebia a magnitude do congresso. Por não ter conhecimentos sobre o que tratava o evento, quase desisti de integrar a monitoria, mas ao participar em uma das reuniões de monitores compreendi que essa oportunidade seria única para minha formação. A partir desse dia, a minha motivação só aumentava. Por não ter um conhecimento prévio sobre o que ocorreria no evento, participei apenas como monitora de um Open Painel, OP 091. Feminismos Globais e Queer - Reflexões de Gênero e Sexualidade sobre Globalização, Neoliberalismo e Desenvolvimento. Mas a apresentação que me interessava acabou não acontecendo, apesar disso continuei assistindo as outras apresentações, nessas apresentações acabei conhecendo apresentadores, ao qual elogiei seu artigo. Conversamos bastante e, no fim do evento, tive a oportunidade de levar eles para conhecer uma casa noturna alternativa de Florianópolis. Acho improvável ter novamente uma oportunidade semelhante nos próximos anos de meu curso de graduação (Ivi, brasileira, estudante de Ciências Sociais).

Ambas estavam no primeiro semestre de graduação de seus respectivos cursos. Aos poucos, no entanto, com o convívio com os demais colegas com diferentes níveis de experiências, íamos construindo um conhecimento coletivo que trazia segurança para o trabalho de ambas e as inseriu em um ambiente de aprendizado mais horizontal. A autora do primeiro relato tornou-se a principal responsável pelas comunicações via Facebook e site no mês que antecedeu ao congresso e a segunda teve sua atuação como monitora muito bem avaliada por suas supervisoras e passou, no momento seguinte ao

congresso, a atuar na secretaria e ser parte importante da administração do recebimento dos artigos enviados para a composição dos anais e da entrega de certificados.

Ao longo do processo de preparação ao congresso cada estudante desenvolveu práticas cada vez mais autônomas na resolução dos problemas que se apresentavam. Além disso, seus conhecimentos anteriores, práticos e acadêmicos, eram constantemente acionados para a execução das atividades propostas. Vejamos como uma das estudantes descreveu essa descoberta:

Ingressei como parte da secretaria da IUAES no fim do segundo semestre como graduanda de Ciências Sociais, primeiro semestre letivo de 2018. No início, eram trabalhos aleatórios e demandas urgentes, até o momento em que nossas habilidades de escrita e conhecimento nas mais diversas áreas (não só de nossa graduação) foram reconhecidas. No meu caso, por exemplo, foram a agilidade na construção e administração de dados de planilhas, arquivos e na tradução de e-mails na língua inglesa as tarefas onde pude desenvolver melhor minhas habilidades. De fato, nunca me dei conta de que tinha estas habilidades ou até mesmo que minhas horas gastas em eletrônicos seriam úteis em um congresso mundial. Em integração com a secretaria, fui chamada para auxiliar outra comissão organizadora, as experiências antropológicas, com a função de administrar os dados e inscritos em cada uma das 21 experiências oferecidas pelo congresso. Por ser uma atividade que envolvia dezenas de pessoas, acabei fazendo parte desta comissão organizadora de grandes proporções. (Gabriela, brasileira, estudante de 3ª fase Ciências Sociais).

Cada estudante foi percebendo no decorrer do processo o quanto eram fundamentais as experiências e conhecimentos anteriores para o desenvolvimento coletivo do trabalho e sobretudo para encontrar possibilidades de resoluções para as demandas surgidas na organização do congresso.

4.3 Participar das atividades da secretaria como processo de aprendizado

Podemos relacionar a aprendizagem compartilhada com o conceito de Participação Periférica Legítima e Aprendizagem Situada, proposto por Jean Lave e Etienne Wenger (1991). Para os autores, ao falarmos sobre Participação Periférica Legítima, devemos considerar que o domínio do conhecimento e a destreza exige plena participação sociocultural dos estudantes em uma comunidade para que o processo de aprendizagem seja legítimo, deve levar em consideração essas vivências externas ao ambiente de ensino (LAVE, WENGER. 1991).

Segundo Elizabeth Guzzo de Almeida (2014), a aprendizagem se produz na interação entre os participantes, não no ato individualizado de uma pessoa. A distribuição do conhecimento se produz conforme as interações acontecem dentro de um contexto e através de ações sociais práticas. A colaboração entre os membros da equipe, se deu através de experiências, habilidades e influências obtidas fora do espaço do congresso, mas que contribuíram significativamente para a produção coletiva.

Entendemos também que a crescente autonomia alcançada por cada um ao longo do processo foi um "aprendizado situado", ou seja um "aprender fazendo" que acontece rotineiramente em função das atividades realizadas, nos diferentes meios sociais e culturais nos quais se vive. Segundo Gudolle, Antonello e Flach (2012), a aprendizagem pode ser construída a partir das práticas de trabalho e das formas como os aprendizes adquirem práticas e se relacionam com os mais experientes no ambiente de trabalho e, neste contexto do projeto de organização de um evento tal como o congresso mundial, o foco foi trazer a participação de estudantes graduando e pós-graduandos para terem a experiência e contato com as diferentes formas de se fazer antropologia e possibilitar que estes mesmos desenvolvam seus próprios métodos de pensar e fazer pesquisa.

No momento de organização do congresso, no espaço da secretaria, apareciam frequentemente as discussões e aprendizados teóricos obtidos pelos e pelas estudantes em sala de aula. No cotidiano da secretaria, emergiam habilidades em diversas áreas como conhecimento de línguas, em sistemas de informática, em design gráfico, em produções textuais, etc. Muitas ideias e soluções para problemas práticos emergiam nas conversas e eram imediatamente postas em ação. Todo tipo de conhecimento se tornava colaboração e solução. Assim aprendizados teóricos serviam para resolução de problemas práticos e os graduandos de diferentes cursos conseguiam por em comum aprendizados oriundos de diferentes disciplinas e áreas de conhecimento em prol da realização do congresso.

Maria Luiza, por exemplo, relaciona a própria discussão que tivemos sobre aprendizagem compartilhada, com conceitos trabalhados na disciplina de Antropologia da Educação que estava cursando.

Como já mencionado, o espaço de participação coletiva é criado e ainda assim, guiado. Os objetivos e metodologias abriam espaço para discussões, mas ainda assim existem parâmetros e concepções nas quais nos baseamos para desenvolver o nosso trabalho. Essa possibilidade de desenvolver certa autonomia dentro do que é orientado pelos responsáveis do projeto, faz pensar o conceito de educação da atenção, apresentado por Ingold (2010). Existem rotas com sinalização de como proceder, porém o conhecimento é constituído conforme se percorre esse trajeto fazendo a própria interpretação do que é sinalizado, logo, o aprendizado não se trata do conhecimento comunicado, mas sim do conhecimento que se obtém ao se considerar o que é orientado (INGOLD, 2010, p.19), (Reflexões teóricas de Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante de 2ª fase de Antropologia).

A extensão, como um dos tripé da formação Universitária, proporciona não só a visibilidade e a representatividade da universidade para a comunidade, mas também, proporciona o inverso, que é, apropriação de uma aprendizagem coletiva e uma inclusão social com um compromisso socialmente permeável na relação entre a teoria e a praxi. Mais do que aprender extensão é deixar aprender.

A extensão é também a identidade crucial de uma educação popular. A pedagoga Maria Lúcia de Arruda Aranha (2010), considera que a educação popular, antes de tudo, deve ser universal, leiga, gratuita e portanto, de competência do Estado. Deve ser oferecida de maneira não elitista e nela o próprio povo deve se tornar o sujeito do processo. A democratização da educação passa como um princípio necessário em todo e qualquer Estado democrático e de direito pois a educação é um elemento de Estado.

A pedagogia não diretiva, fundamentada por Georges Snyders (1971) e atualmente pelo lingüista e filósofo Noam Chomsky, tornava-se uma realidade a cada vez que éramos acionados a tomar uma importante decisão, na resposta do e-mail de um alto chair da IUAES, da WCAA da ABA. Ou quando precisávamos decidir sobre qual seria o tratamento adequado a um colega congressistas que viajou milhares de quilômetros para fazer marco na história do congresso e também na história de sua vida.

O GEEMPA (2010) faz uma releitura única das teorias construcionistas de Piaget e Vigotski, entendendo não só que o conhecimento se constrói e não é captado de fora para dentro, como também incorporando a dimensão social presente nos fenômenos da aprendizagem. Como afirma Esther Pillar Grossi em entrevista para a revista do Instituto Humanas Unisinos aprender é mais do que estar informado, “aprender é raciocinar, selecionar informações para estabelecer juízos e raciocínios” (JUNGES E FACHIN, 2008).

Assim, entendemos que as práticas desenvolvidas no projeto de extensão permitiram esse exercício de aprendizado descrito pelas teorias pós construtivistas. Ele permitiu protagonismo do estudante no processo de aprendizagem, estimulando cada um discernir sobre a postura que deveria dotar frente a cada situação nova que lhe era apresentada. Mais do que informar sobre as antropologias mundiais, permitiu ao estudante elaborar seus próprios julgamentos, reflexões e formas de ação dentro desse campo do conhecimento em específico. Tais habilidades se restringem as informações obtidas durante o congresso, mas poderão ser aplicadas em todo o conhecimento que cada tiver contato no futuro.

4.4. A descoberta de habilidades linguísticas no contato com o outro

Além do aprendizado coletivo da autonomia a organização do congresso permitiu a descoberta de habilidades linguísticas e de contato cultural, que até então desconheciam ou consideravam sem serventia. Estas descobertas se davam por obrigarem cada um a sair de sua zona de conforto linguístico para entender e se fazer entender nos encontros proporcionados pelo congresso. Dois relatos são particularmente reveladores da importância que o choque cultural e, principalmente, linguístico teve nessa descoberta.

Um exemplo de como percebi minhas habilidades comunicacionais foi no guichê da secretaria onde eram providenciados vários tipos de auxílio como: o cadastramento dos participantes que efetuaram o pagamento de sua inscrição no momento do credenciamento, resolução de dúvidas quanto ao congresso, venda de passes do restaurante universitário e jantar por adesão, explicações sobre especificidades da cultura brasileira para os estrangeiros, etc. Havia duas filas, uma para estrangeiros e outra para brasileiros. Todos nós falávamos inglês e espanhol, alguns bem, outros nem tanto. No momento em que era perceptível que nossa tentativa de comunicação não estava sendo compreensível, era necessário localizar algum de nossos colegas para que o mesmo pudesse traduzir e facilitar o diálogo. E quando não havia ninguém para agilizar nossos esclarecimentos, o método mais utilizado era a mímica. Apesar do Brasil ser composto por muitos migrantes que chegaram ao nosso país em diferentes momentos e incentivados por variadas políticas de migração, no momento do contato com o outro ficava visível a identidade brasileira. A relação nós x outro, estava sempre posta e por conta disto, era inevitável observar as diferenças culturais comparando com os indianos, chineses, italianos, alemães, poloneses, dentre outros presentes no congresso. Além do idioma, os trajés coloridos e exuberantes das indianas nos chamavam a atenção, a leveza e a simpatia das chinesas, a curiosidade nos olhos dos alemães foram algumas formas marcantes de diferenças culturais que notei durante o evento (Gabriela, brasileira, estudante de 3ª fase de Ciências Sociais)

Tive a oportunidade de socializar meus conhecimentos com estudantes de cursos que difere totalmente da minha realidade acadêmica, como Gastronomia, Nutrição, Enfermagem, Letras e Pedagogia, que também atuavam no congresso no setor de monitoria. Ao decorrer do evento, os congressistas, conversavam e buscavam informações conosco, não apenas do evento, mas também sobre a cidade, como câmbios, paradas de ônibus, hotéis, pontos turísticos entre outras informações. Esses momentos foram desafiadores, pois uma grande parte dessas pessoas não falava português. Foi nesse momento que eu senti na pele o que o título do congresso nos diz “Mundo de Encontros”. Em uma dessas situações me marcou bastante e imagino que tenha marcado a todos os presentes. Um homem indiano, que apesar de entender que não falávamos fluentemente inglês, ficou falando com a nossa equipe por cerca de duas horas e meia. Foi um diálogo que cativou e integrou toda a equipe. Como ali tinha pessoas que realmente não falavam inglês, as palavras iam passando de um por um, em busca de tentar entender o que o homem estava nos falando. Ele descrevia sua cultura, suas crenças e seu modo de vida. Apesar das dificuldades conseguimos compreender boa parte do que ele nos falou (Ivi, brasileira, estudante de 2ª fase de Ciências Sociais).

Tivemos amplo contato com pessoas de todo o Brasil e do mundo. Em um primeiro momento, antes do evento, atendemos dúvidas e solicitações via e-mail e telefone de participantes brasileiros e estrangeiros de até 92 países. Quando as dúvidas vinham do público internacional antes do evento, as questões eram resolvidas por meio

de consultas via internet, ou por meio do auxílio de colegas da organização que compreendiam inglês ou espanhol. As demandas exigidas por inscritos brasileiros eram de fato mais acessíveis e de fácil compreensão, apesar do português variar de acordo com cada região do país em suas particularidades de dialeto formal e informal. Nesses casos, era possível encontrar respostas com facilidade por ser a língua nativa do local onde o evento foi realizado e, também, pelo fato de que muitos dos estudantes da UFSC são também de várias partes do Brasil, oferecendo o acesso ao linguajar brasileiro.

O inglês era a língua oficial do evento e, apesar de existir uma equipe especializada na tradução, todos precisaram encontrar alguma forma de compreender os idiomas falados em suas diversas variações, dados pela nacionalidades que trouxeram consigo sotaques e dialetos variados. Este estranhamento se deu durante todo o processo de organização do congresso, mas foi mais intenso durante a semana do evento.

Durante o evento, havia uma comissão especializada para traduções, porém, a necessidade do auxílio para compreender o que o participante estrangeiro tentava comunicar e vice-versa foi muito maior do que o previsto, fazendo com que o fosse fundamental a predisposição de cada estudante em ir além de seu confortável vocabulário.

4.5. O congresso enquanto primeira experiência etnográfica: reflexões de um antropólogo em formação

Ter uma bolsa em um projeto, como o de trabalhar na secretaria e organização de um evento nas dimensões de um congresso da IUAES, é ter a oportunidade de ver e entender a antropologia na prática. Atuamos na organização de um evento mundial de nossa área, e esta foi uma oportunidade única para os alunos dos semestres iniciais da graduação em antropologia, ciências sociais e áreas afins interessados em antropologia. A possibilidade de trabalhar coletivamente, não só com colegas destes cursos, mas também com professores e profissionais destas áreas, fez com que cada um refletisse a sua maneira sobre, como se constrói o conhecimento. Vivemos a experiência de uma construção de saberes e aprendizados compartilhados de várias formas, diferente do modelo mais presente em nossa formação, de aprendizado unilateral, onde apenas os professores ensinam e os alunos aprendem. Convivendo com professoras e professores ligados à diferentes comissões aprendemos trabalhando juntos, sem hierarquias (Maria Luiza Scheren, brasileira, estudante da 2ª fase de Antropologia).

Permito-me, discorrer sobre meu ingresso na equipe como esta experiência tornou-se uma experiência de campo antropológico. Desde o momento em que a coordenação do projeto entrevistou-me, no processo de seleção, para formar parte da equipe, ficou claro que seria um trabalho onde se articularam vários saberes, não exclusivamente pertencentes a um viés teórico antropológico. Os e as estudantes que participaram do processo educativo pedagógico para organizar o 18º congresso da

IUAES, viveram esta experiência como parte de um processo de aprendizado etnográfico, que se tornou muito significativo para todos.

Entendemos etnografia como um processo de aprendizagem onde o antropólogo mergulha com predisposição de aprender, observando, educando sua atenção e aprendendo dentro do seu campo. Nem sempre sabendo que já está em campo como ensina Ingold “Pois observar não é objetificar; é atender as pessoas e coisas, aprender com elas, e acompanhá-las em princípio e prática. Com efeito, não pode haver observação sem participação – ou seja, sem uma composição íntima, na percepção como na ação, entre observador e observado” (INGOLD, 2000, p.108). Colocando etnografia não só como um processo de escrita na qual se realiza uma extraordinária descrição narrativa onde interagem pontos relevantes enxergados pelo antropólogo, mas sim uma fazer etnográfico que está ali entanto existe aprendizagem, o estudante de antropologia previamente carregado de uma bagagem teórica acumulada no seus anos de estudo -difícil mente existe uma etnografia que não carrega um mínimo de teoria- se adentra no lugar, em outras palavras, o que aqui é manifestado é que a etnografia está acontecendo quando o pesquisador está aprendendo junto com seu objeto de pesquisa, quando é educado.

Encontramos também neste “campo” as análises que apontam para o fato de que é etnografia está cada vez mais difusa e que ela muda e se amplia segundo o antropólogo ou acadêmico que a escreve. Como aponta Mariza Peirano (2014) “as concepções do que é etnografia variaram. Arte, para Evans-Pritchard, fonte de comparação, para Radcliffe-Brown, origem da teoria etnográfica, para Malinowski, hoje é o método genérico da antropologia” (PEIRANO, 2014).

De meu ponto de vista, para nós estudantes de antropologia em formação, nenhuma atividade que inclua relações carregadas de aprendizagem com outros sujeitos é vista sem um valor a ser etnografado e mais ainda numa atividade que representou meses de intenso aprendizagem e criação de vínculos. (Dario, estudante de 8ª fase de antropologia).

4.6. A formação teórica no campo das Antropologias Mundiais

Uma preocupação que antecedeu e acompanhou a organização do congresso foi a formação da equipe que atendia na secretaria. Para isso, foram criados encontros periódicos que ficaram conhecidos como “seminários da secretaria”. Seminários visavam contribuir para a formação acadêmica de jovens antropólogas e antropólogos que foram estimulados a pesquisar sobre os antropólogos que vieram para o congresso. Os seminários tinham como foco, assim como Gustavos Lins Ribeiro e Arturo Escobar (2006) que os estudos em história da antropologia, geralmente pautados em grandes paradigmas ou em nacionalidade não comportava mais o cenário complexo que vem sendo descrito como como “Antropologias Mundiais”. Nesse sentido os alunos envolvidos no projeto foram orientados a identificar entre os congressistas autores de

renomes locais em diferentes contextos geopolíticos para comporem o programa de leitura dos seminários da secretaria.

A metodologia de pesquisa e apresentação dessas outras histórias da antropologia foram criados por Leonardo de Miranda Ramos, principal idealizador e pesquisador dos autores estudados. A sua proposta está sendo apresentada em detalhe no GT 24. Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos. Os seminários tinham um papel pedagógico inovador para a formação em história da antropologia sob uma perspectiva decolonial e feminista buscando aprimorar e inovar o referencial teórico sobre gênero, raça e classe (RAMOS, 2018). Até o momento, outubro de 2018, já foram apresentado nos seminários autores/as como: Gloria Wekker, Amita Baviskas, Faye Harrison, Mara Viveiros Vigoya, Mwenda Ntarangwi, Suzana Rostagnol e Soheila Mirshams Shahshahani. A revisão dessas obras também foi elaborada por Ramos (2018) na apresentação acima mencionada.

Segundo Faye Harrison (2016), o campo antropológico tem se dado conta de que o conhecimento é possível além das epistemologias do norte e as abordagens críticas estão se abrindo para uma gama mais ampla de pensadores reconfigurando e democratizando a teoria antropológica. Entendemos, assim, que os seminário proporcionaram essa abertura e democratização das teorias estudadas, encorajando diálogos inter-hemisféricos.

5. Considerações finais

Esse congresso teve como alicerce a visibilidade da antropologia produzida no sul global e por conseguinte, a inclusão de congressistas oriundas de países do Sul-global. A nível interno, isto é no Brasil, esta inclusão passou a pretensão de albergar a camada periférica deste universo acadêmico, que passava desde a/o estudante nos primeiros anos de sua graduação até a recém-doutora ou recém-doutor. A extensão foi a ponte mais concretas entre o objetivo dessa inclusão e a efetividade desse objetivo. No decorrer do texto argumentamos de diferentes formas como o congresso se configurou como uma atividade de extensão e serviu como base de uma formação antropológica em outras bases visando a democratização do ensino superior, tendo como ponto de análise a vivência dos bolsistas dentro da secretaria do congresso da IUAES-Brazil 2018.

Portanto, a troca de saberes, experiências e a criação de uma equipe com mesmos objetivos dentro da secretaria permitiu-se a eficiência e a resolução de várias frentes que foram surgindo, permitindo a formação de estudantes no campo das antropologias mundiais de forma única e significativa.

6. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Elizabeth Guzzo de. APRENDIZAGEM SITUADA. **Texto Livre:** Linguagem e Tecnologia, [s.l.], v. 7, n. 1, 31 jul. 2014. Quadrimestral. Faculdade de Letras da UFMG. <http://dx.doi.org/10.17851/1983-3652.7.1.177-184>. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/6097>>. Acesso em: 08 out. 2018.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2010.
- BECKER, Fernando. **REEDUCAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**. Disponível em: <http://tudosobre.com/concursos/3/BECKER,%20Fernando%20-%20Educa%C3%A7ao%20e%20Constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20Conhecimento.pdf> Acesso: 1/10/2018.
- CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. rio de Janeiro: editora UFRJ, 2011.
- DYPE SOLUÇÕES. Disponível em: <https://www.dype.com.br/>. Acessado em: 05/11/2018.
- GEEMPA. Aula-entrevista: caracterização do processo rumo à leitura e à escrita. Porto Alegre: GEEMPA, 2010.
- GUDOLLE, Lucas Socoloski; ANTONELLO, Claudia Simone; FLACH, Leonardo. Aprendizagem situada, participação e legitimidade nas práticas de trabalho.in. **Ram. Revista de Administração Mackenzie**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.14-39, fev. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-69712012000100002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-69712012000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>, acesso em: 08 out. 2018.
- GRUPO DE ESTUDOS SOBRE EDUCAÇÃO, METODOLOGIA DA PESQUISA E AÇÃO. Disponível em <https://geempa.com.br/>. Acessado em 15/10/2018.
- HARRISON, Faye. Theorizing in ex-centric sites. In. **Anthropological Theory**. Vol. 16(2-3) 160-176, 2016.
- INGOLD, Tim. “Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia”. *Educação* (Porto Alegre), v. 39, n.3, 2016, pp. 404-411
- INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. In. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.6-25, abr. 2010.
- INTERNATIONAL UNION OF ANTHROPOLOGICAL AND ETHNOLOGICAL SCIENCES. IUAES. Disponível em <https://iuaes.org/index.html>, acessado em 22/10/2018.
- JUNGES, Márcia e FACHIN, Patricia. O método pós-construtivista. In. **Revista do Instituto Humanitas UNISINOS**. Online, edição 281, 10 novembro de 2008. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2304&, acessado em: 04/11/2018.

- LAVE, Jean. WENGER, Etienne. **Aprendizaje Situado. Participación Periférica Legítima**. Nova York: Cambridge University Press, 1991.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- RAMOS, Leonardo de Miranda. Outros olhares sobre a história da antropologia: experiências pedagógicas de formação na preparação do 18th IUAES World Congress. Trabalho aceito no GT 54 Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira, coordenado por Luciana de Oliveira Chianca (UFPB), na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF (no prelo).
- RIBEIRO, Gustavo Lins & ESCOBAR, Artur (orgs.). **Antropologias Mundiais: transformações da disciplina em sistemas de poder**. Brasília: Editora UnB, 2012.
- SARDENBERG, Ronaldo Mota. **O Brasil e as Nações Unidas**. Brasília, Ed.ideal, 2013.
- SECRETARIA 18th IUAES World Congress. **Registration Tutorial for 18º IUAES World Congress Brasil**. Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=4IMmwC1JWas&t=11s> . Acessado em: 05/11/2018.
- SECRETARIA 18th IUAES World Congress. **IUAES 2018 - Where are the submission forms?** Disponível in: <https://www.youtube.com/watch?v=bnieIqAy0H8> . Acessado em: 05/11/2018.
- SNYDERS, Georges. **Pedagogia Progressista**. Paris, Presses Universitaires de France, 1971
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Disponível em: <http://estrutura.ufsc.br/>, acesso em 22/10/2018.
- 18th IUAES World Congress Secretariat web page. **Orientations and Contacts for Embassies** Disponível em: https://www.iuaes2018.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=599. Acessado em: 05/11/2018.